

As vida das mulheres no Funchal,

*Intervenção de Elisa Mendonça*

A Luta pela igualdade nos direitos e na vida também se faz na Região Autónoma da Madeira. A História da nossa Região está cheia de exemplos de combatividade e resistência, muitas delas ignoradas pela maioria das pessoas deste País, porque muitas das vezes a descrição feita é de uma Região rica e sem problemas.

As entidades governativas tentam fazer crer que a “pérola do Atlântico” é um exemplo a seguir devido à sua suposta pacatez e ausência de problemas, sem contestação ou luta popular. Mas, a História não mente!

As muitas meninas mulheres que foram deportadas para Lisboa, para a Prisão das Mónicas, antes do 25 de Abril, vindas de uma localidade chamada Tabua, no interior da Ribeira Brava. Muitas nunca tinham visto o mar e por falarem da forma injusta como viviam e sem condições, muitas nem sabiam escrever. Fizeram a travessia do Atlântico tendo uma ficha completa na PIDE. O seu crime? Terem lutado pelos direitos dos agricultores! A “Revolta do Leite”, em 1936, é feita de luta de homens e mulheres que se revoltaram contra a exploração. A “Revolta das Águas” tem nome de Mulher, Sãozinha. Esta foi uma das muitas pessoas que, em 1962, lutaram pelo direito à água, na sua longínqua terra da Lombada da Ponta do Sol, assassinada porque reivindicava o direito à água, assim como, na luta contra a colónia; a luta dos que eram explorados pelos senhorios e a luta e conquista do direito à terra tem nome de Mulher, Camarada Inês Afonseca.

Estas foram lutas que se travaram num período histórico onde as mulheres deste País foram fundamentais para a conquista da Democracia e da Liberdade, apesar de nem sempre reconhecidas publicamente pelo seu papel determinante, como sucede na Região Autónoma da Madeira.

O Núcleo do MDM na Região Autónoma da Madeira, tem intervindo sempre na denuncia de problemas que afectam os trabalhadores e o povo, problemas que vão desde a falta de condições de saúde, falta de condições de trabalho, falta do reconhecimento à igualdade plena no trabalho e na vida, falta de tanta coisa que, estando garantida na nossa Constituição, os vários governos após o 25 de Abril recusam-se a pôr em prática direitos constitucionais conquistados a pulso e com muita luta.

As dificuldades são muitas na Região, à semelhança do que acontece no resto do País, onde a afirmação dos nossos direitos nem sempre é visto como um DIREITO, mas são vistos por alguns como um “queixume” das mulheres. Demos voz às pessoas portadoras de deficiência, demos voz às mulheres que não têm direito à saúde, demos voz às pessoas vítimas de todo o tipo de violência, seja ela física ou emocional, demos voz aos jovens vítimas de violência, sendo em alguns casos simultaneamente agressores e vítimas do mundo que os rodeia, demos voz às muitas pessoas que

enfrentam as dificuldades crescentes devido ao aumento do custo de vida. Demos e continuamos a dar voz às muitas batalhas que são travadas diariamente no País e na Região e apesar das dificuldades de manter o Núcleo activo, com maior ou menor participação, a verdade é que temos conseguido fazer muito. As adversidades são muitas, mas as nossas conquistas têm que ser valorizadas num contexto de tantas dificuldades.

Fazendo um resumo do trabalho desenvolvido na Região nos últimos anos, em 2016 organizámos um debate sobre as “Necessidades especiais e a deficiência no feminino”, que contou com a participação dos fundadores do Dançar com a Diferença, movimento artístico onde as diferenças são olhadas como forma de realçar a arte que cada um pode criar, um nunca um factor de bloqueio. Aqui não posso deixar de aproveitar a oportunidade para lembrar uma menina mulher lutadora e combativa, a nossa camarada Elsa. Uma jovem de 33 anos que faleceu este mês e que muita saudade nos deixa. Uma mulher que diariamente lutava contra as adversidades que lhe eram impostas pelos obstáculos físicos, mas que nunca deixou que uma cadeira de rodas fosse impedimento para chegar onde queria chegar. Uma saudação muito especial a esta Grande Mulher e ao exemplo que foi e será.

Em 2017 enchemos o Teatro Baltazar Dias, espaço emblemático no Funchal e da Região, para debater “Mulher, Família e Trabalho”;

A celebração do Dia Internacional da Mulher nesse ano, foi garantido através da alegria contagiante da dança, onde após uma tribuna pública onde as reivindicações pelo direito a ter direitos, terminou com uma aula de zumba em plena Rua Fernão Ornelas, uma das mais movimentadas no centro do Funchal;

Organizámos um debate que contou com a participação de especialistas na área da psicologia e da educação, onde abordámos a consciencialização das crianças para a não violência e para a igualdade;

Organizámos um debate que contou com a participação da nossa querida Inês Fontinha, onde falámos da exploração sexual e da prostituição e a pobreza;

Em 2018 organizámos um debate sobre as desigualdades salariais existentes no mundo laboral em função do género;

Debatemos as violências crescentes no seio escolar, “VENCER VIOLÊNCIAS – da Escola ao Espaço Público”, que contou com a participação de professoras e psicólogas, que retrataram a preocupante realidade vivida em tantas escolas da Região, e que medidas devem ser tomadas pelas entidades com responsabilidades na matéria;

Em 2019 abordámos a temática da Mulher e o Trabalho, as raízes históricas associadas à luta de mulheres trabalhadoras: por melhores salários, melhores condições de trabalho e por direitos sociais e políticos que contou com a participação do Doutor João Areosa, enchendo uma vez mais o Teatro Baltazar Dias;

Falámos sobre os direitos das crianças, realizando uma vez mais num espaço público o debate sobre “Crianças que têm crianças”, onde participaram especialistas nesta área, abordando

a necessidade da prevenção, da afectividade na infância, sobre a educação sexual, o planeamento familiar e definição de um projecto individual de vida, para que os sonhos de criança não desapareçam pela antecipação da vida adulta.

Voltando ao espaço emblemático que é o Teatro Municipal Baltazar Dias organizámos uma conferência-debate sob o tema “Quem ama não agride”, no contexto da violência do namoro, fenómeno crescente e cada vez mais precoce entre os jovens. Reforçando o papel das famílias, da escola da comunidade em geral, para a sensibilização e educação dos nossos jovens para a não-violência.

Já no contexto pandémico realizámos presencial e de forma virtual uma iniciativa integrada nas iniciativas sobre o Dia Internacional da Mulher, onde se debateu sobre os principais sectores em que as mulheres têm sido (ainda mais) penalizadas no contexto pandémico que vivenciamos, focando o trabalho, a saúde mental e as várias formas de violência. “Violências – prevenção e intervenção” que contou com um painel diversificado: uma psicóloga, um advogado, uma professora, o Subintendente da PSP e uma dirigente do MDM.

A última iniciativa realizada recentemente, foi uma das mais participadas e com um impacto directo na sociedade Madeirense, pelo tema e oradores convidados.

Permitam-me destacar esta iniciativa em particular não só pelos participantes, pelas intervenções, contributos e reflexões que daqui resultaram.

Em parceria com a APJD (Associação Portuguesa de Juristas Democráticos), e a IADL (International Association of Democratic Lawyers), enchemos a sala da Assembleia Municipal do Funchal onde participaram a Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça, Professora Doutora Maria Clara Sottomayor; o Juiz Desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa, Doutor Paulo Barreto; a Juiz de Direito no Tribunal Central Criminal do Funchal, Doutora Fernanda Sequeira, Sílvia Vasconcelos – Dirigente do MDM; a Presidente do Conselho Regional da Madeira da Ordem dos Advogados, Doutora Paula Margarido e a Psicóloga e terapeuta familiar, Dra. Cristina Cruz. Esta iniciativa sob o tema “Violência Intrafamiliar”, marcou pela importância que teve na abordagem de um tema que por mais que seja falado, nunca será suficiente.

Muitas foram as iniciativas organizadas pelo Núcleo do MDM na Região, conseguindo abordar várias temáticas sempre com a consciência de que todos temos que estar envolvidos e empenhados na discussão dos problemas que afectam a nossa sociedade, e que todos somos chamados a intervir e propor soluções para a sua resolução.

Assim tem sido a nossa intervenção na Madeira e assim continuaremos, porque quem vive na Região precisa de uma intervenção constante e persistente, como a que o MDM tem feito, em defesa de direitos fundamentais consagrados na nossa Constituição.